APLAUSO

ANO III Nº 23

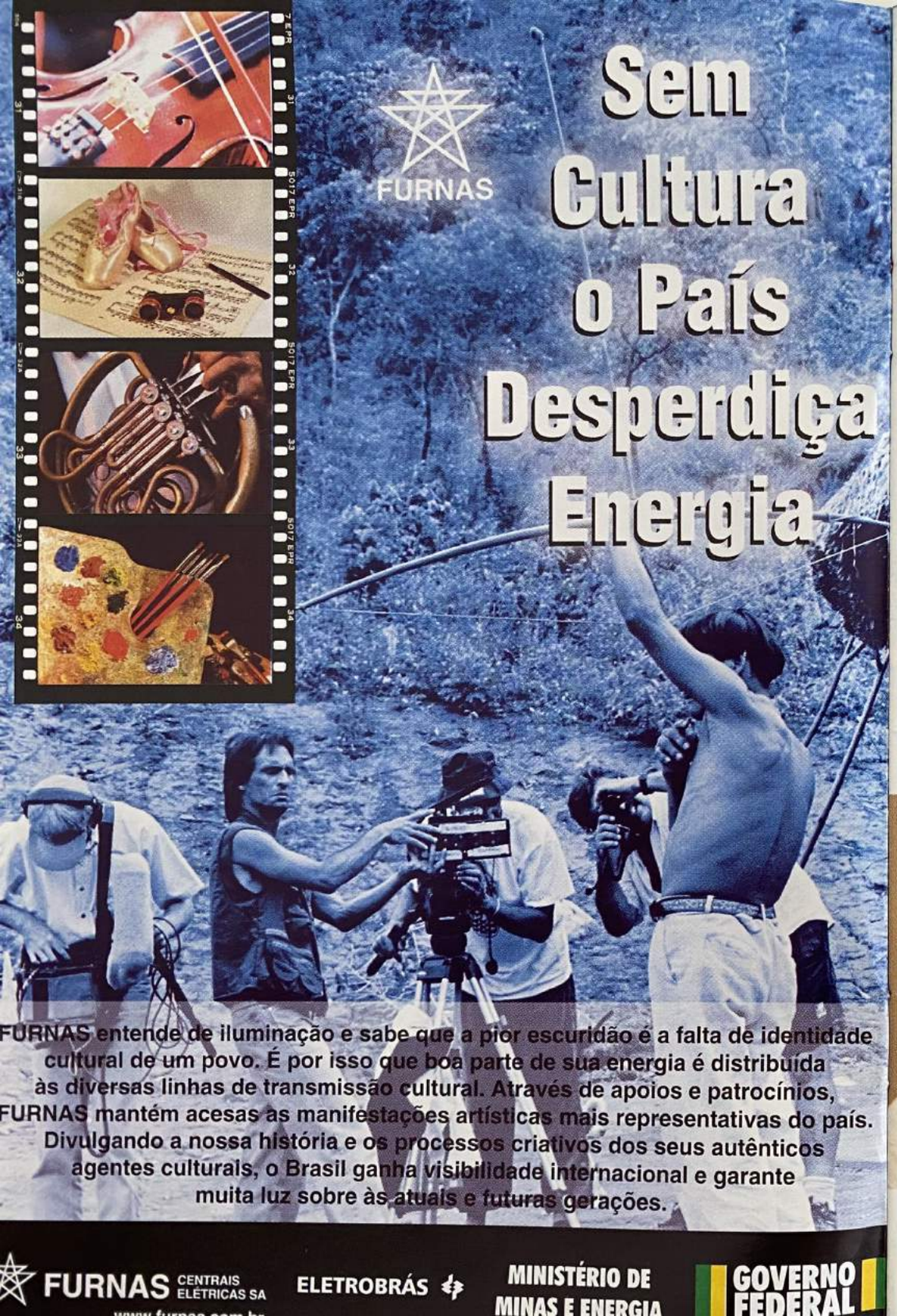
teatro

EXEMPLAR GRATUITO

Alta Sociedade

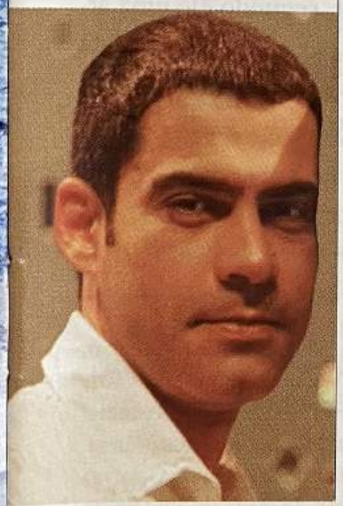
Fernanda Montenegro em comédia de Mauro Rasi

Jornal do Teatro ● Em cartaz ● Aderbal Freire-Filho ● Ítalo Rossi ● Leon Góes ● Luiz Fernando Guimarães ● Marcus Alvisi ● Moacyr Góes ● Regina Duarte



BASTIDORES

Para ser feliz é preciso cantar



Estou certo de que estamos vivendo um momento de mudança no Teatro do Rio de Janeiro. E, de certa forma, no Brasil. O chamado *boom* dos musicais não veio do nada. Acho sintomático que este fenômeno tenha acontecido num tempo em que o momento político é de liberalismo e do que chamam de globalização.

Tivemos muitos musicais no Brasil nos anos 30 e 40. Eram espetáculos absolutamente nacionais, as chamadas Revistas, Burletas e mesmo operetas. Depois, com a decadência da Praça Tiradentes e dos shows com vedetes, dos anos 50 em diante tivemos aqui diversas produções de grandes musicais da Broadway, mas com elenco sempre brasileiro. E eram sucesso absoluto.

A partir de 64, com a mudança do regime político, a sombra negra que se abateu sobre o país baniu definitivamente este tipo de espetáculo dos nossos palcos. Enquanto se torturavam e matavam pessoas nas prisões e nas casernas, pegava mal colocar em cena um musical americano, uma vez que eles eram, os americanos, o principal alvo de crítica da nossa resistência artística e cultural. O importante era falar em metáforas contra tudo o que estava acontecendo, levar o público a refletir e tomar atitudes.

Mas este tempo passou. E os musicais, sintomaticamente, voltaram. São garantia de entretenimento. O público paga e sai feliz. Os artistas transbordam de alegria. É música ao vivo, não há enganação.

Estou envolvido em três dos maiores sucessos em teatro do eixo Rio-São Paulo. *Cole Porter – Ele Nunca Disse que me Amava, O Beijo da Mulher Aranha,* em São Paulo e *O Morcego.* E aguardem: aí vem *Company,* do maior gênio vivo da Broadway, Sondheim.

Chega de sermos Matchu-Pitchu ou Bombaim. Vamos brincar de Montreal, Tóquio, Sidney, Berlim - todas cheias de musicais. Somos o Rio de janeiro, também temos direito. Sejamos felizes!

Claudio Botelho, janeiro/fevereiro de 2001

JORNAL DO TEATRO

Revival

Vai ser um revival e tanto. Músicas de Rita Lee dos anos 70 num espetáculo dirigido por Rogério Farias e Roney Guilherme. *Ovelha Negra* estréia no Rio no segundo semestre, depois de temporada em São Paulo. A história, sobre o aborto, gira em torno do casal vivido por Marcelo Faustini e Raquel Nunes. Há ainda Marcelo Picchi, interpretando um professor.

Sarau

Volta à livraria Letras & Expressões de Ipanema, a partir de 22 de janeiro e sempre às segundas-feiras, *Versos de Holanda*, o sarau de poesias e músicas de Chico Buarque. Desta vez vem com Betty Faria e Cláudia Ohana, que só cantam, além de Nívea Maria, Rodrigo Santoro, Leonardo Vieira, Suzana Vieira.

Em Sampa

Foi Marília Pêra quem sugeriu traduzir *Lettice & Lovage* para *Lotte & Letti*. A peça de Peter Shaffer, autor de *Equus* e *Amadeus*, tem direção de Bibi Ferreira e está em cartaz em São Paulo. Rosamaria Murtinho e Natália Thimberg contracenam com Rodrigo Mendonça, filho de Rosamaria, e Nelson Dantas. Nelson, em uma aparição fulminante de 15 minutos, é uma surpresa no espetáculo! *Lotte & Letti* estréia no Rio depois do Carnaval. Vamos aguardar...

Ainda lá...

Está bem recomendada a peça *Futilidades Públicas*, que estreou em São Paulo. Além de elogiar o Teatro Next, "encantador", Naum Alves de Souza chama atenção para a autora e intérprete do texto, Patrícia Gaspar, segundo ele uma artista maravilhosa. O elenco tem ainda Elias Andreato, Carlos Moreno, Fábio Namatame e Celso Curi.

GOVERNO DO ESTADO RJ RIO DE JANEIRO SECRETARIA DE ESTADO DE CULTURA

MINISTÉRIO DA CULTURA

Aplauso é uma publicação mensal da Sociedade Cultural Itaipava Ltda. Redação, administração, publicidade, informações sobre assinatura e correspondência: Rua Gal. Venâncio Flores, 620/101, CEP 22441-090, Rio de Janeiro, RJ. Tels/fax: (21)511-1390 e (21)511-5344. E-mail: aplauso@gbl.com.br. Diretora: Ivonette Albuquerque. Colaboradores: Walkyria Garotti (arte), Maria Lúcia Rangel, Eduardo Graça e Simone Melamed (texto). Jornalista responsável: Catarina Arimatéia MTb.: 14135. Assessoria Jurídica: Paulo Horn. Certificado de Registro de Direito Autoral nº 155.441. Fotolito: Artcor. Impressão: Sol Gráfica. Foto de Capa: divulgação.

PALAVRA DE ATOR

Leon Góes

A cronologia subjetiva de um ator

Leon Góes: Você já viu o Abujamra em silêncio ?

"*92. Romeu e Julieta.* Eu era Romeu. Pedi para fazer. Dei tudo. Tudo. Um crítico disse que a peça era boa, mas que não "decolava" por minha causa. Eu já sabia disso. Foram dois meses de choro e ranger de dentes.

84. Texto de Nelson. Eu nem sabia quem era Nelson Rodrigues. Álbum de família. Foi na CAL. Glorinha e Tereza. Eu era uma das duas. No fim da cena, beijo de língua em um homem. Quem diria?

94. Eu e Floriano Peixoto. Cenário cheio de velas. Depois de 45 minutos, as cortinas pegam fogo. Eu e Floriano até hoje não acreditamos que quase acabamos com o Teatro Glória. Moacyr entrou e apagou o fogo. Não percebemos nada.

98. Moacyr quer que eu seja o Bispo do Rosário. Diz que farei bem um sujeito que passa 50 anos no hospício e acha que é Deus. Ele é negro, alto, forte e um dos nossos melhores artistas. Moacyr me disse que sou ele.

99. Bonitinha, mas ordinária. No dia da estréia, lembro que o Moacyr tinha a certeza de que eu faria muito bem o Bispo. Acontece, então, a minha melhor estréia. Eu era o Edgar. E, modéstia à parte...

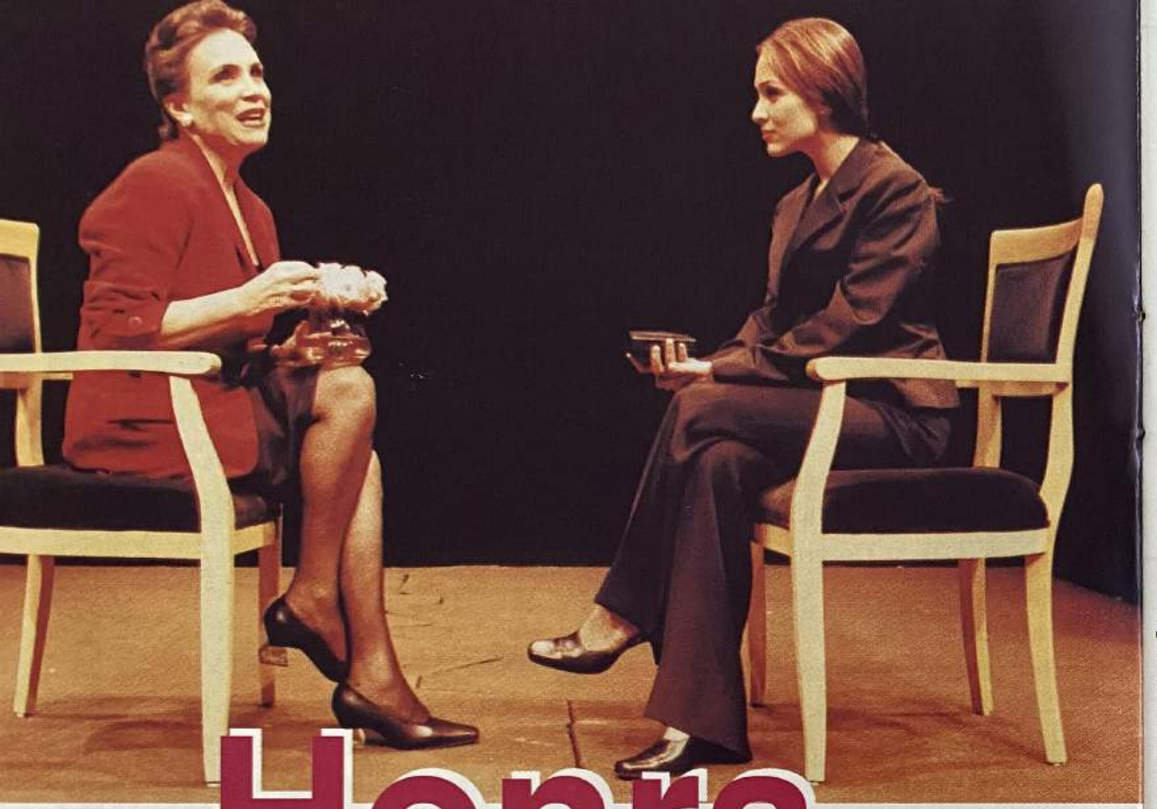
90. Ganho o Molière por Escola de Bufões. Vou a Paris. Moacyr pede o meu lugar na executiva. Para a sua namorada. Tudo bem.

95. Édipo Rei. Eu era o Édipo. Flávia Guimarães era o Corifeu. Descubro o valor do silêncio com ela. Até porque o Floriano estava muito maluco nesta época.

89. Fausto. Floriano era o Fausto. Eu era Mephisto. Ninguém viu o Floriano de tão perto quanto eu. Muita gente acha que tivemos um caso. Tivemos mesmo. E foi amor.

88. Baal. De Brecht. Moacyr. Floriano. Zé de Abreu. Aderbal. Caetano. Júlia Valadares. O diretor uruguaio do Grupo El Galpon me disse que eu não poderia perder a humildade. (Esse foi meu professor, Arturo). 1988, o ano em que comecei a viver.

Hoje, revendo isso tudo, fico feliz por não ser o escritor que sonhei. Fico feliz por não ter que conceituar nada. Fico infeliz por não ter garantia de nada. Fico feliz por ter um amigo filósofo. E por ser ator. Ainda que sem grana. "Tento entender tudo o mais sobre o sexo e tento apagar o meu mais novo engano". Pergunto: Você já viu o Luis Melodia dançando? Já viu o Fábio Sabag atuando? O Loureiro sorrindo? A beleza da Silvia Bandeira? O Abujamra em silêncio? O Abujamra falando? E o Moacyr? O Moacyr Góes. Este é o máximo. O Moacyr é o máximo."



FOTOS: DIVULGAÇÃO

Honra

Há traição amorosa sem vilões? Em sua volta ao palco, Regina Duarte mostra que sim...

Por Simone Melamed

Esqueça tudo o que você já ouviu falar sobre triângulos amorosos! A clássica história - que em seu rastro carrega, democraticamente, fartas doses de drama, perda, dor e amadurecimento - estará ganhando novas cores com a estréia da peça *Honra*, da australiana Joanna Murray-Smith, no início de fevereiro no Teatro Carlos Gomes. Em cena, uma típica família de classe média é sacudida pela traição masculina, levando todos os envolvidos (a mulher, o marido, a amante e a filha do casal) a refletir sobre seus ressentimentos e expectativas. E a tentar honrar seus sentimentos mais genuínos.

"Quando comecei a ler a peça, percebi que era mais do que um triângulo amoroso. Porque é isto, mas contado de uma nova maneira. De uma maneira muito mais palpitante e emocionante", diz a atriz Regina Duarte, que depois de oito anos de ausência está de volta aos palcos acumulando a função de produtora. "Como a autora utiliza uma linguagem teatral feita de duelos verbais, sempre há dois atores em cena debatendo a questão da humilhação, da separação, da indignação e da tentativa de reter o outro. Não existe um vilão ou uma vilã."

E como abordar a questão da infidelidade sem contar com o conforto de um vilão para levar a culpa? "O que mais me atrai no texto é ele ser totalmente desprovido de maniqueísmos e clichês, elementos que poderiam facilmente ser usados num tema como este. Todos os personagens têm razão, e usam de erros e acertos para se tornarem pessoas melhores", conta Gabriela Duarte, que atua novamente ao lado da mãe, mas pela primeira vez no teatro. "Como pessoa e atriz de uma generosidade sem tamanho, ela tem me ensinado muito e é bonito vê-la continuar aprendendo e crescendo com o teatro depois de tantos anos de carreira".

Marcos Caruso, que encara seu primeiro drama em vinte e cinco anos de profissão, e Renata Quintela completam o elenco, que traz na direção a assinatura de Celso Nunes, o mesmo de *As lágrimas amargas de Petra Von Kant* e *Equus*. A montagem conta ainda com a música ao vivo do pianista Bruno Monteiro.

Currículo

Com trinta e cinco anos de carreira, Regina Duarte guarda, até hoje, o título de "Namoradinha do Brasil", conquistado no início dos anos setenta com a novela *Minha doce namorada*, da TV Globo. Relembre, a seguir, outros papéis de destaque da atriz no teatro, no cinema e na televisão.

Teatro
- ***A megera Domada***, de Shakespeare, com direção de Antunes Filho
- ***Réveillon***, de Flávio Márcio
- ***A Vida é Sonho***, de Calderón de La Barca, com direção de Gabriel Villela

Cinema
- ***Lance Maior***, de Sylvio Back
- ***O Cangaceiro Trapalhão***, com direção de Daniel Filho
- ***Além da Paixão***, de Bruno Barreto

Televisão
- ***Irmãos Coragem***, de Janete Clair
- ***Selva de Pedra***, de Janete Clair
- ***Carinhoso***, de Lauro César Muniz
- ***Malu Mulher***, com direção de Daniel Filho
- ***O Sétimo Sentido***, de Janete Clair
- ***Roque Santeiro***, de Dias Gomes
- ***Vale Tudo***, de Gilberto Braga, Aguinaldo Silva e Leonor Bassères
- ***Rainha da Sucata***, de Sílvio de Abreu
- ***Por Amor***, de Manoel Carlos
- ***Chiquinha Gonzaga***, de Lauro César Muniz

Tudo no Escuro

Um blecaute, muitas confusões e a grande chance perdida de um artista plástico...

Por Maria Lúcia Rangel

FOTOS: ADEIR COSTA/DIVULGAÇÃO

É um texto exemplar do inglês Peter Shaffer. Foi este o motivo que levou Marcus Alvisi a aceitar o convite de Juliana Teixeira para dirigir *Tudo no Escuro*, que abre a temporada teatral de 2001 na Casa de Cultura Laura Alvim. Conhecido no Brasil por sucessos como *Amadeus* (texto que virou filme), *Equus* e *The Royal Hunt for the Sun*, *Tudo no Escuro* talvez seja a peça mais popular de Shaffer. É uma das preferidas de Jô Soares, que dirigiu e atuou na primeira montagem brasileira, nos anos 70.

A peça conta a história de Brindsley Miller, artista plástico jovem e talentoso. Na noite em que acontece a história, ele terá a chance de sua vida: será visitado por um marchand milionário e pelo coronel Malkett, pai de sua noiva. Só que a queima de um fuzível gera um longo blecaute e, para completar a confusão, entram em cena uma vizinha solteirona, a ex-namorada do dono da casa e um refugiado alemão, que é técnico da comissão elétrica.

"É um vaudeville enlouquecido", conta Marcus Alvisi. "Quando a Juliana me chamou para dirigir, eu nem sabia do que se tratava. Quando li, tomei um susto. Conhecendo o autor não imaginava que ele tivesse escrito uma comédia tão louca. Mas o que me moveu e move ao aceitar um trabalho é a qualidade do texto. Se me encanto, faço."

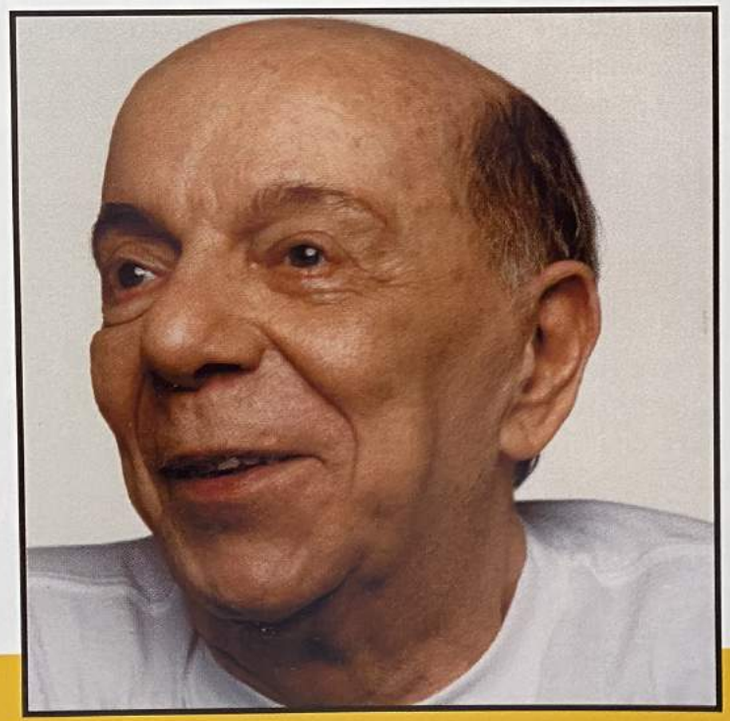
Apesar da remontagem 30 anos depois, Marcus afirma ser a peça totalmente atemporal. Ele também é responsável pela trilha sonora, junto com Sergio Okida. Usaram uma marcha de Souza, referência do texto – o coronel, pai da namorada do protagonista, só gosta de marchas militares do compositor – e efeitos sonoros que Marcus faz num programa sofisticadíssimo de seu computador.

"A peça acontece durante uma tempestade, daí a necessidade dos efeitos sonoros. E a primeira cena se passa na escuridão total. Cheguei a ensaiar os atores usando vendas nos olhos e com preparador corporal. De repente, as luzes se acendem. Mas os atores continuam se comportando como se estivessem no escuro."

Dos sete atores em cena, Marcus só tinha dirigido um, Rubens de Araújo. Os outros são Sylvia Bandeira, Juliana Teixeira, João Vitti, Maria Maya, Leandro Hassum e Marcelo Escorel. Os figurinos são de Biza Vianna, a iluminação de Carlos Lafert e Marcus Alvisi – já se vê que o diretor faz um pouco de tudo. O cenário e a direção de arte são assinados por Luiz Stein.

Fôlego

Antes de começar a dirigir com Jorge Fernando a próxima novela de Sílvio de Abreu na TV Globo, com estréia prevista para setembro, Marcus pretende dirigir ainda outras três peças: *Hamlet*, com Diogo Vilella (há 10 anos ele trabalha com o ator), *Beijo no Asfalto*, com Marcelo Serrado e *Pássaro da Noite*, com Maria Paula. Se a agenda agüentar, estréia dirigindo Feydeau, na comédia *Costureiro de Madame*. Já pensa em Mário Gomes para o papel título...



Fernanda Montenegro troca o drama pela comédia e faz dupla com Ítalo Rossi, em peça assinada por Mauro Rasi.

Por Maria Lúcia Rangel

Alta sociedade

Fernanda Montenegro e Ítalo Rossi voltam a se encontrar no palco, depois de 30 anos, vivendo as atribulações de um casal da sociedade tradicional com problemas com a Justiça. *Alta Sociedade* é o primeiro trabalho dos atores com Mauro Rasi, que escreveu e dirige a peça. Para completar, os três inauguram o Teatro Scala, no Leblon, totalmente reformado e com capacidade para mil pessoas.

A história se passa num elegante apartamento da Avenida Atlântica, no último dia de 2000. Os protagonistas, Sylvia e Leopoldo, muito chiques e famosos, estão às voltas com a Justiça. Segundo o autor, é o tipo de peça que ele adora: o teatro discutindo o momento atual.

"O público se identifica com os fatos, com os personagens e com a história. Dramatizar isso causa um furor na platéia", diz Rasi.

O "namoro" de Fernanda com Rasi vem desde que ele a convidou para fazer *A Estrela do Lar*. Na época, compromissos inadiáveis impediram-na de aceitar. Agora, encomendando a comédia a Mauro está, de certa maneira, retribuindo o convite.

"Estava com vontade de fazer uma comédia. Venho de um filme e peças muito pesadas, *Central do Brasil*, *Oh! Que Belos Dias*, *Da Gaivota*...Gosto de fazer comédia e queria voltar a trabalhar com Ítalo. Quando terminamos o Teatro dos Sete ficamos muito ligados. E ele também vinha de trabalhos densos, *Gata em Teto de Zinco Quente* e um Kafka."

Mauro Rasi admite que foi a primeira vez que escreveu sob encomenda, Mas acabou aí. Não escreve mais para nin-

guém. E escolheu um binômio de que gosta muito para compôr sua história: política e sociedade. E a possibilidade de ficar inibido por dirigir Fernanda?

"Não me inibo com ninguém. Quanto à Fernanda, o seu segredo é a ousadia em se reciclar. Espero que dê um bom coquetel, porque os ingredientes estão na medida. E só dei certo como autor quando passei a dirigir as minhas peças. Sou como Fellini e Woody Allen, centralizador e autoral".

"O entrosamento está muito legal", conta Fernanda. "Um diretor não ensina um comediante a fazer comédia. Ele pode dar toques, sugestões, mas o meu instrumento de comediante todo mundo conhece. Não pretendo renovar. É um jogo dentro do que Ítalo e eu sabemos fazer."

Volta à tevê

Fernanda admite que se diverte fazendo comédia.

"Às vezes, não são nem as gargalhadas, mas a crueldade que a comédia sempre tem. Para mim, o comediante é um ator especial, com um humor mais intrínseco e uma visão crítica do mundo. Não que a comédia seja melhor. É mais atilada. No Brasil, geralmente a comédia não é feita para a posteridade, só o drama, embora a herança do teatro brasileiro seja de extraordinários cômicos e comédias."

Mauro está trabalhando mais uma vez com Marcos Ribas de Faria, seu sonorizador oficial, e Maneco Quinderé, iluminador. O cenário é do premiado José Carlos Serroni, e a consultoria de moda de Elena Montanarini, que escolheu dois vestidos de Walter Rodrigues para Fernanda.

"Faremos uma prévia até a segunda semana de fevereiro", diz Fernanda, "e voltamos em março, com uma temporada que irá até junho ou julho. Em setembro começo a gravar a novela do Sílvio de Abreu e aí será o que Deus quiser. Fui convencida pelo próprio Sílvio e pelo diretor Jorge Fernando a voltar para a televisão." O ano promete não ser nem um pouco monótono para a atriz...

FOTOS: DIVULGAÇÃO

Tia Zulmira e Nós

FOTOS: DIVULGAÇÃO

A mais ilustre "tia" de Stanislaw Ponte-Preta reúne, em musical, personagens famosos do autor e até o juiz Lalau!

Por Eduardo Graça

Os mais íntimos do universo deliciosamente caótico de Stanislaw Ponte-Preta - o arretado jornalista, escritor e showman Sérgio Porto (1923-1968) - podem ir esfregando as mãos. O musical *Tia Zulmira e Nós* reúne boa parte de seus personagens em um espetáculo com direção de Aderbal Freire-Filho, 14 músicas inéditas da dupla Aldir Blanc e Cristóvão Bastos e texto do jornalista João Máximo. À frente do elenco, Suely Franco.

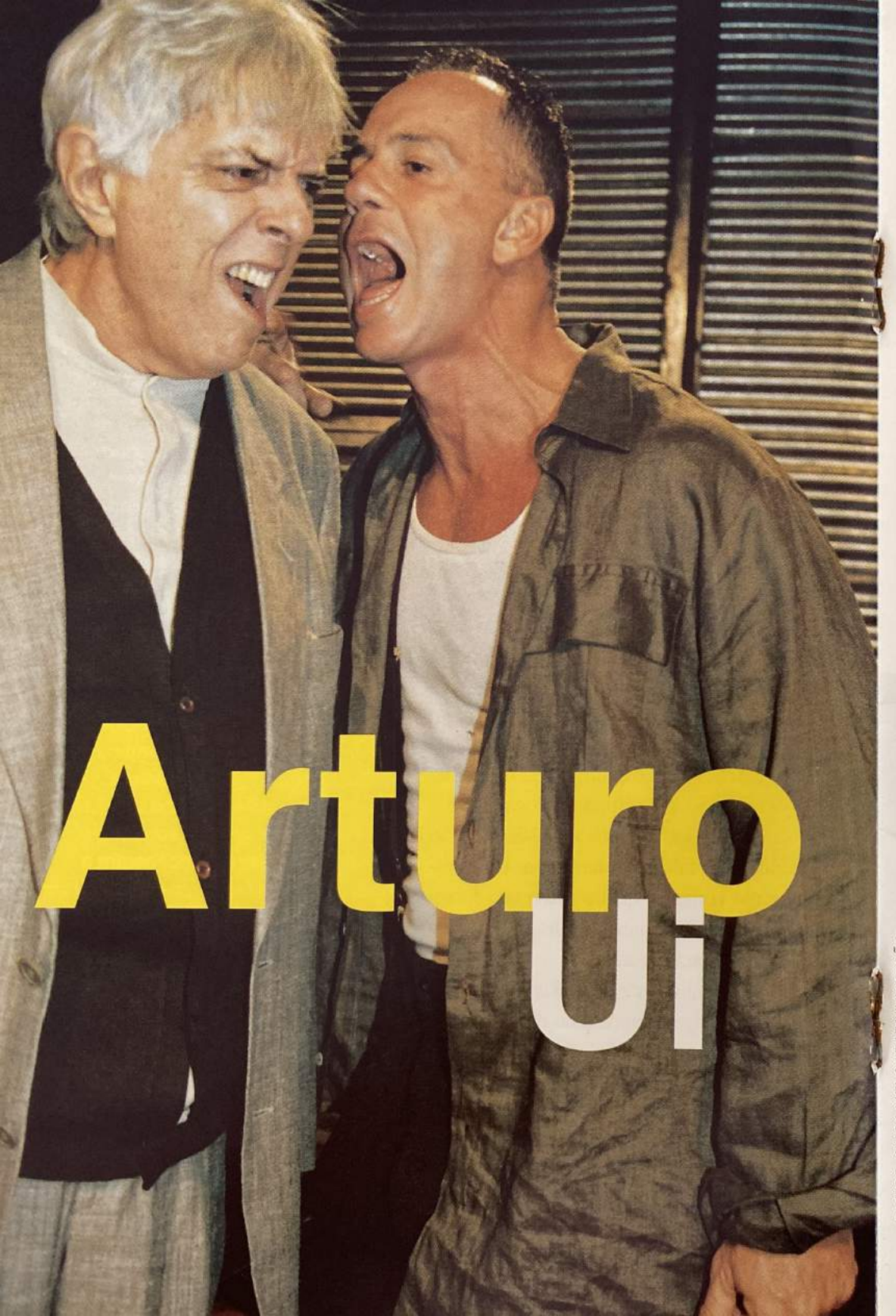
O enredo é inventivo. Máximo partiu de um conto do livro "As Cariocas" para reunir, em um mesmo espaço, os tipos mais famosos do autor: a eclética Tia Zulmira (que foi, ao mesmo tempo, condessa prussiana, vedete do 'Follies Bergère' e cozinheira da Coluna Prestes) e os primos Bonifácio e Altamirando (Cláudio Mendes e Augusto Madeira). Todos estão reunidos em um animado sarau quando a Tia resolve contar uma de suas historietas. A exceção fica por conta do Primo Rosamundo, que está em Brasília, pois acaba de assumir sua cadeira de deputado. "E todos acabam encarnando personagens da história imaginada por Tia Zulmira", adianta Aderbal.

É uma típica história de Sérgio Porto: uma mulher pede a seu amante um Porsche vermelho, igual ao da mulher dele. Mas só existem dois na cidade. A partir daí, uma série de referências ao Brasil confuso dos anos 90 - até o juiz Lalau surge para bagunçar o coreto - leva o público a se sentir, em pleno Teatro II do CCBB, em pleno churrasquinho de sábado à tarde. Só que o fundo musical não é o pagode rame-rame. "Olha, as músicas são tão inéditas que, faltando uma semana para o espetáculo começar, quatro ainda não foram compostas. Quer mais ineditismo?", brinca Aderbal, roendo as unhas.

Outra peculiaridade de *Tia Zulmira* é a banda que interage o tempo todo com os atores. Não há quadros separados. "Imaginei uma banda inglesa de rock destas bem malucas. E aí tem o baixo, o piano, a guitarra, a bateria. Mas também a cadeira de balanço no meio. É como se cenário e música se mesclassem em um palco só", diz Aderbal. Os músicos são o próprio Cristóvão Bastos (piano), Iura Ranevsky (violoncelo), Jurim Moreira (bateria e percussão) e Bororó (contrabaixo e violão). O elenco conta ainda com Beth Lamas e o projeto leva a assinatura da Lúdico, responsável pelo mega-sucesso *Dolores*.

Lalau e as certinhas

Houve um tempo em que o Rio tinha suas 'certinhas', em cada esquina havia uma piada para contar e o Lalau da hora não tinha nada de assustador. Sérgio Porto, criador do Stanislaw Ponte Preta, sempre preferiu perder o amigo à piada. Jornalista, escritor, passeou pelo teatro, cinema e música, com a mesma disposição. E ainda arrumava tempo para bater ponto no Banco do Brasil. Inspirado no Serafim Ponte Grande, de Oswald de Andrade, Stanislaw era escrachado, gozador e inventivo. Em sua coluna no "Última Hora" bolou gírias como 'cocoroca', 'samba do crioulo doido' e 'sente o drama'. Também criou as 'certinhas do Lalau", em que democratizava sua preferência por belas mulheres. Receberam a honraria, entre outras, as atrizes Norma Bengell e Beth Faria. Apaixonado por música, engendrou o "Show do Crioulo Doido", em que, ao lado do Quarteto em Cy, ironizava o status quo em músicas pra lá de apimentadas. Foi lá que ele cunhou a pérola "em Niterói, até urubu voa de costas". Tirada digna de seu FEBEAPÁ, O Festival de Besteiras Que Assola o País - compêndio de frases infelizes retiradas de nossos mais ilustres compatriotas.



Arturo Ui

FOTOS: GUGA MELGAR/ DIVULGAÇÃO

O poder discutido por Brecht, em elenco encabeçado por Luiz Fernando Guimarães.

Por Eduardo Graça

Os motivos para sair correndo em direção ao Teatro I do CCBB para conferir a encenação de *A Resistível Ascensão de Arturo Ui* são muitos. E começam na escalação de Luiz Fernando Guimarães como protagonista do espetáculo. Um dos textos mais emblemáticos do dramaturgo alemão Bertolt Brecht (1898/1956), *Arturo Ui*, escrito em 1941, é também um dos primeiros estudos críticos da trajetória fulminante de Adolf Hitler ao comando da Alemanha. Ih, parece muito cabeça? Que nada. Sob a batuta de Moacir Chaves, o diretor da premiada *Bugiaria*, uma das sensações da última temporada, e a partir da tradução de Luís de Lima, idealizador do projeto, os atores apostam na interatividade e trazem o público para dentro da trama.

"Só fui fazer a escola de teatro por causa do Brecht. Aos 18 anos fiquei tão fascinado pela obra dele que decidi até aprender alemão", conta Moacir Chaves. Quando foi convidado por Luís de Lima para comandar a nova encenação de *Arturo Ui* - os Privilegiados apresentaram uma versão abrasileirada da ascensão de um 'ditador esclarecido' em meio às eleições presidenciais de 98 - Moacir decidiu deixar de lado os signos mais óbvios. "Aqui não há Hitler, mas um homem com um caráter próximo ao dele. Descobrimos, para nossa imensa satisfação, que o texto se sustenta para além das referências históricas", diz.

Sessenta anos depois, o papel-título da parábola de Brecht será vivido por Luiz Fernando Guimarães, um ator mais afeito às comédias e que se notabilizou no grupo Asdrúbal Trouxe o Trombone, na década de 70, e no programa TV Pirata, na Globo. "E sabe de uma coisa? Buscar o Hitler pefeito não me importa muito não. Estou atento é às relações do homem com o poder que, cá entre nós, não mudou muito nestes anos todos. Além do mais, o político está muito próximo da representação. Ninguém vai cair na gargalhada, mas o público vai se divertir muito no CCBB", garante Luiz Fernando.

O cenário de Fernando Mello - que imaginou uma passarela por onde os atores passeiam no meio do público - e auxílios luxuosos como a estrutura do 'homem-banda', criado por Tato Taborda (inspirada no comediante Karl Valentim, o gênio de Munique que despertou em Brecht o interesse por um teatro genuinamente popular) são atrações à parte em um espetáculo que conta também com um elenco recheado de atores talentosos, entre eles Osvaldo Loureiro, Ricardo Petraglia, Luís de Lima, Walter Lima Torres, Gillray Coutinho, Claudio Baltar, Felipe Rocha e Thelmo Fernandes.

Odisséia Brechtiana

Nas geniais parcerias com Kurt Weill, nas peças mais didáticas, no namoro com o teatro No japonês, nas párabolas inventivas e em sua magnífica poesia, Bertolt Brecht foi uma das personalidades que mais acrescentaram na teoria e no fazer teatral do século XX. Filho de um pequeno produtor, estudou Ciências Naturais, Medicina e Literatura em Munique. Ao mesmo tempo em que serviu no exército em Augsburg (1918), tornou-se crítico teatral. De volta a Munique, decidiu levar aos palcos seu inconformismo. Iconoclasta, sarcástico, em pouco tempo estaria em Berlim, onde desenvolveria seu Teatro Épico, tendo como parceiros os já citados Valentin e Weill.

Para fugir da intransigência nazista, Brecht rumou para o exílio em 1933. Até sua volta à Alemanha Oriental, em 1948, para comandar o Berliner Ensemble, tratou de fazer uma reflexão intensa a partir dos grande clássicos do socialismo, buscando detectar com precisão a transformação do homem e da sociedade. *A Resistível Ascensão de Arturo Ui* está inserida neste contexto. Aqui Brecht se utiliza das figuras históricas que possibilitaram o surgimento de Adolf Hitler para discutir temas caros à realidade capitalista: ética, estrutura social, lucro, ganância, individualismo, competitividade. Questões ainda pendentes nas mesas de bar de nosso recém-nascido século XXI.

Colecione, assine!

Enviamos para todo o Brasil

Assinatura semestral R$ 18

Maiores informações

Tel.: (21) 511-5344 / 511-1390

ou e-mail: aplauso@gbl.com.br

Alarmes

Moacyr Góes estréia como diretor de uma comédia que questiona a tecnologia.

Por Maria Lúcia Rangel

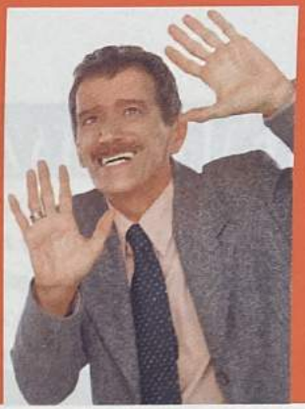
Quatro atores, vinte personagens e cinco esquetes dos oito originais da peça *Alarmes*, do inglês Michael Frayan, marcam a estréia de Moacyr Góes como diretor de uma comédia contemporânea. O homem controla as máquinas ou é controlado por ela? O próprio diretor, desastroso quando se vê frente a frente com a tecnologia, diz que as cinco histórias satirizam a dificuldade de se estabelecer uma comunicação entre as pessoas na era dos micro, bips, controles remotos, secretárias eletrônicas, celulares e afins. São histórias absurdas para quem as vive e hilariantes para quem assiste.

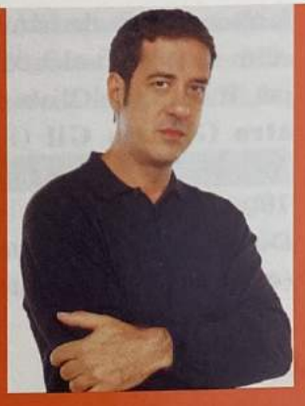
Os atores Cristina Pereira, João Camargo, André Valli e Isabela Garcia atuam em situações totalmente familiares. O primeiro esquete, *Alarmes*, que dá nome à peça, mostra o jantar de dois casais na casa de um deles, arruinado por aparelhos que começam a dar defeito. Já nesta história se vê a linha da peça, que questiona o progresso, já que ele não garante uma melhor qualidade de vida. Em *Conversa Íntima*, o som muito alto impossibilita os convidados de se ouvirem uns aos outros e estabelecerem uma conversa. O terceiro e mais longo esquete, *Duplos*, é sobre casais que acreditam que viajar de férias para lugares diferentes seja a melhor solução para quebrar a rotina de suas vidas - e se deparam com quartos de hotéis padronizados e com objetos que, longe de proporcionar conforto, complicam a estada, isso sem falar que conseguem escutar tudo o que se passa no quarto vizinho...

No quarto quadro, *Imóveis,* entra em cena a secretária eletrônica. Um turista alemão chega ao Rio e só consegue se comunicar com seus anfitriões através da maquininha. Por fim, a festa de confraternização numa empresa, em *Brindes*, mostra um chefe atormentando três funcionários com um discurso infindável e exigindo aplausos.

Queria fazer o que nunca fiz, uma comédia" diz o diretor. E gosto da peça e do elenco, formado por mim. Acostumado com textos densos, cheguei a procurar uma maior profundidade do texto de Frayan. Depois relaxei e comecei a rir também." Agora é a sua vez de rir...

FOTOS: DIVULGAÇÃO





EM CARTAZ

Peças, horários, teatros e preços

A Máquina

Romance de Adriana Falcão sobre um rapaz nordestino que dá o mundo de presente à namorada. Adaptado para o teatro por João Falcão, com Gustavo Lago, Karina Falcão. **Teatro Casa Grande** (Av. Afrânio de Mello Franco 290, Leblon). Fone: 239-4046. De quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h. R$20 (qui., sex. e dom.). R$25 (sáb.)

A Moreninha

Adaptação do romance de Joaquim Manoel de Macedo, pioneiro do romantismo na literatura brasileira. Direção de Tania Nardini. Elenco: Tainah de Jesus, Mabel Tude. **Sala Rubens Corrêa do Teatro Ipanema** (Rua Prudente de Moraes 824, Ipanema). Fone: 523-9794. De quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h. R$15 (qui, sex. e dom.). R$20 (sáb).

A Mulher Sem Pecado

Primeira peça de Nelson Rodrigues. A história de Olegário, marido obcecado pelo ciúme que sente da mulher bem mais jovem. Direção de Luiz Arthur Nunes. Com José de Abreu, Luciana Braga, Wanda Lacerda. **Sala Fernanda Montenegro do Teatro Leblon** (Rua Conde de Barnadote 26, Leblon). Fone: 274-3536. De quinta a sábado, 21h. Domingo, 19h. R$20 (qui., sex. e dom.). R$25 (sáb.).

A Resistível Ascensão de Arturo Ui

Parábola de Brecht sobre a ascensão de Adolf Hitler ao poder na Alemanha. Direção de Moacir Chaves, com Luiz Fernando Guimarães. Teatro I do Centro Cultural Banco do Brasil (Rua Primeiro de Março, 66 - Centro). Fone: 3808-2020. Quarta a Domingo, 19h, R$ 10. Até março.

A Vida Passa

Miguel Falabella continua a história de *A Partilha* dez anos depois. Direção do autor, que manteve o elenco original: Suzana Vieira, Arlete Salles, Natália do Valle e Thereza Piffer. **Teatro Vannucci** (Rua Marquês de São Vicente, 52 – Shopping da Gávea). Fone: 274-7246. De quinta a sábado, 21h30. Domingo, 19h. R$25 (qui., sex. e dom.) e R$30 (sáb.).

Adoráveis Romeu e Julieta

O diretor Dinho Valladares transformou a briga de família em preconceito racial. No elenco, Jusanam Dejah, Haroldo de Oliveira e Dinho. **Teatro Gláucio Gil** (Praça Cardeal Arcoverde, Copacabana). Fone:547-7003. De quarta a sábado, 21h. Domingo, 20h. R$5 (qua.) e R$10 (qui., sex. sáb. e dom.).

Alarmes

Comédia do inglês Michael Frayan sobre a incomunicabilidade no mundo moderno, apesar dos avanços da tecnologia. Direção de Moacyr Góes. Elenco: André Valli, Cristina Pereira, João Gomes e Isabela Garcia. **Teatro das Artes** (Rua. Marquês de São Vicente, 52 – Shopping da Gávea). Fone: 540-6004. De quinta a sábado, 21h30. Domingo, 20h. R$20 (qui., sex. e dom.) e R$25 (sáb.).

Alta Sociedade

Juntos depois de 30 anos, Fernanda Montenegro e Ítalo Rossi interpretam um casal aristocrata e intelectual na peça escrita e dirigida por Mauro Rasi especialmente para os dois. **Teatro Scala** (Av. Afrânio de Mello Franco 296, Leblon). Fone: 239-4448. De quinta a sábado, 21h. Domingo, 19h. R$30 (qui., sex. e dom.), R$40 (sáb.).

Beckett in White – A Comédia

Retrata as situações inusitadas por que passam três personagens típicos: marido, mulher e amante. O "white" no título foi dado pelo diretor Maurício Lencastre, pelo tratamento mais leve da peça em relação a outras montagens do autor. Com a Cia. dos Insights. **Teatro Aliança Francesa** (Rua Muniz Barreto 730, Botafogo). Fone: 539-4118. Sexta e Sábado, 21h. R$15 e R$7,50.

Boeing, Boeing

Comédia que foi sucesso nos anos 60, com Eva Wilma e John Herbert, volta com Luciano Szafir e Maria Ceiça. A trama - playboy se embanana todo ao namorar três aeromoças ao mesmo tempo - ganha agora tradução de Flávio Marinho. **Teatro dos Grandes Atores** (Avenida das Américas, 3555, Shopping Barra Square, Barra da Tijuca). Qui., sex. e sáb., 21h30. Domingo, 20h30. R$ 15 (qui.), R$ 20 (sex. e dom.), R$ 25 (sáb.).

Boom

Texto de Luiz Carlos Góes onde os conflitos mediúnicos são matéria-prima para boas gargalhadas. Direção de Marcus Alvisi. Com Jorge Fernando. **Teatro dos Quatro** (Rua Marquês de São Vicente, 52 – Shopping da Gávea). Fone: 274-9895. De segunda a quarta, 21h30. Quinta, 17h30. R$10 (seg.), R$15 (ter.), R$20 (qua. e qui.)

Brejeirices

Reestréia em curta temporada a peça com três histórias de Arthur Azevedo sobre o amor. Direção de Daniel Marques. Com Valéria Seabra e Renato Peres. **Teatro Cândido Mendes** (Rua Joana Angélica, 63, Ipanema). Fone: 523-4141. Sexta e sábado, 21h. Domingo, 20h. R$15.

Cole Porter – Ele nunca disse que me amava

Musical sobre a vida do compositor americano. Texto e direção de Charles Moeller. Com Ada Chaseliov, Alessandra Verney. **Café Teatro Arena** (Rua Siqueira Campos 143, Copacabana). Fone: 235-5348. De quinta a sábado, 21h. Domingo, 19h. R$25 (qui., sex. e dom.) e R$30 (sáb.).

EM CARTAZ

Peças, horários, teatros e preços

Contos do Amor Obscuro

O espetáculo passeia pelas diversas formas de expressão poética do amor masculino. Direção de Carlito Marchon e Raquel Soares. Com João Bosco. **Teatro Museu da República** (Rua do Catete, 153). Fone: 285-6350. Quarta e quinta, 19h30. R$5. Até 25 de janeiro.

Corra Que Papai Vem Aí

Comédia de Ron Clark e Sam Bobrik, sucesso de público comandado por Ary Fontoura. Com Luciana Coutinho e Leandro Ribeiro.**Teatro Barrashopping** (Avenida das Américas, 4.666). Fone: 431-9666. Qui. a sáb., 21h30. Domingo, 21h. R$ 25. Até março.

Dois Perdidos numa Noite Suja

Peça de Plínio Marcos sobre a marginalização de dois personagens. Direção de Tanah Corrêa. Com Alexandre Borges e José Moreira. **Casa da Gávea** (Praça Santos Dumont, 116, Gávea). Fone: 239-3511. Sexta, 21h e 24h. Sábado, 21h. Domingo, 20h. R$20. Até dia 14 de janeiro.

Honra

Drama moderno. Uma típica família de classe média é abalada com a entrada, em cena, da amante do marido. Direção de Celso Nunes. Com Regina Duarte, Marcos Caruso, Gabriela Duarte e Renata Quintela. **Teatro Carlos Gomes** (Praça Tiradentes, s/n). Fone: 232-8701. De 01 a 18 de fevereiro. Dias, horários e preços a confirmar.

Isabel

Escrita por Aderbal Freire Filho, conta o último dia da Princesa Isabel no Brasil. O elenco tem o autor em vários papéis, Maitê Proença e Clarice Niskier. **Sala Marília Pêra do Teatro Leblon** (Rua Conde Bernadotte, 26, Leblon). Fone;294-0347. De quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h. R$20 (qui. e dom.). R$25 (sex.) e R$30 (sáb.).

Lisbela e o Prisioneiro

A história de Leléu, um sedutor irresistível, que acaba preso por conta de suas proezas eróticas. Texto de Osman Lins e direção de Guel Arraes. Produção: Paula Lavigne. No elenco, Bruno Garcia, Marcos Oliveira, Emiliano Queirós. **Teatro Glória** (Rua do Russel, 632). Fone: 555-7262. De quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h. R$ 15. Estacionamento com manobrista no Hotel Glória. Até fevereiro.

Mais Perto

Peça do inglês Patrick Marber, passada nos anos 90, em Londres, focalizando a vida de quatro estranhos que se encontram, se apaixonam e se envolvem. Direção de Hector Babenco. Com Renata Sorrah, José Mayer, Guta Stresser e Marco Ricca. **Teatro Carlos Gomes** (Praça Tiradentes, s/nº). Fone: 232-8701. Quinta, Sexta e sábado, 21h. Domingo, 20h. (qui. e sex.), R$10. (sáb e dom.), R$15. Até final de janeiro

O Avarento

Um dos clássicos de Molière ganha uma divertida versão feita especialmente para comemorar os 80 anos de idade de Jorge Dória. Tradução e direção de João Bethencourt. Com Jorge Dória e Ida Gomes.**Teatro SESI** (Graça Aranha, 1 - Centro). Fone: 563-4163. Quinta, Sexta, Domingo, 19h.30 Sábado, 20h30. R$15. Até 25 de março.

Os Monólogos da Vagina

O universo feminino na visão de Eve Ensler, com direção de Miguel Falabella. No elenco, Zezé Polessa, Cláudia Rodrigues e Betina Viany. **Teatro Clara Nunes** (Rua Marquês de São Vicente 52 – Shopping da Gávea). Fone:274-9696. De quinta a sábado, 21h30. Domingo, 20h. R$20 (qui.), R$25 (sex. e dom.) e R$30 (sáb.). Até 4 de fevereiro.

Pequeno Dicionário Amoroso

Itinerário sentimental dos personagens, em verbetes que vão de A a Z. Direção e concepção de Jorge Fernando. Elenco: Cláudia Jimenez e Ernâni Moraes. **Teatro dos Quatro** (Rua Marquês de São Vicente 52 – Shopping da Gávea). Fone:274-9895. De quinta a sábado, 21h30. Domingo, 20h. R$20 (qui.), R$25 (sex. e dom.), R$30 (sáb.).

Quem tem Medo de Virginia Woolf?

O encontro entre dois casais, recheado com diálogos sarcásticos e corrosivos. Direção: João Falcão. Com Marco Nanini, Marieta Severo, Silvia Buarque e Fábio Assunção. **Teatro João Caetano** (Praça Tiradentes s/n - Centro). Fone: 221-1223. Sexta e Sábado, 21h. Domingo, 19h. R$ 25 (sex. e dom.). R$30 (sáb.). Até 18 de fevereiro.

Strip-tease e Teatro Irregular

Esquetes do catalão Juan Brossa misturando elementos visuais, cenas mudas, palavra, gesto, dança e humor. Daniel Dantas estréia como diretor. Com Cristina Amadeo, Carolyna Aguiar e outros. **Teatro Vanucci** (Rua Marquês de São Vicente, 52 – Shopping da Gávea). Fone: 274-7246. Terças e quartas, 21h30. R$15.

Tia Zulmira e Nós

Musical que busca recuparar a verve especialíssima de Sérgio Porto, o saudoso Stanislaw Ponte Preta. O texto é de João Máximo, a direção de Aderbal Freire-Filho e no elenco estão Sueli Franco, Claudio Mendes, Augusto Madeira, Claudio Lins e Beth Lamas.**Teatro II do**

EM CARTAZ

Peças, horários, teatros e preços

Centro Cultural Banco do Brasil (Rua Primeiro de Março, 66 - Centro). Fone: 3808-2000. Quarta a Domingo, 19h30. R$ 10. Até 25 de março.

Todo Mundo Tem Problemas (Sexuais)

Comédia do dramaturgo Domingos de Oliveira e do psicanalista Alberto Goldin. O tema é sexo, a abordagem é direta, mas com humor e poesia. Direção de Domingos de Oliveira, com Pedro Cardoso e Bianca Byington. **Teatro do Planetário** (Av. Leonel França, 240, Gávea). Fone:239-5948. Sexta, 21h30. Sábado, 21h e 23h. Domingo, 20h e 22h. R$20.

Trainspotting

Baseada no livro de Irvine Welsh, a peça fala sobre o vício da heróina e a relação de jovens com a vida. Direção de Luiz Furlaneto. Elenco: Pedro Osório, Augusto Negrelly, Gustavo Louchard e Pedro Garcia. **Bunker94** (Rua Raul Pompéia, 94, Copacabana). Fone: 521-0367. De quinta e domingo, 21h. R$15, com 50% de desconto para estudantes.

Tudo no Escuro

Comédia de situação do inglês Peter Shaffer. Direção de Marcus Alvisi. Com Sylvia Bandeira, Juliana Teixeira, João Vitti, Maria Maya, Rubens de Araújo, Leandro Hassum e Marcelo Escorel. **Casa de Cultura Laura Alvim** (Av. Vieira Souto, 176, Ipanema). Fone: 267-1647. De quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h. R$10 (qui.), R$20 (sex. e dom.). R$25 (sáb.).

Uma Rede para Iemanjá

Peça em um só ato de Antonio Callado. Direção de Tessy Callado. Elenco:Tony Tornado, Julia Drumond, João Velho e outros. **Espaço III do Teatro Villa-Lôbos** (Av. Princesa Isabel 440, Copacabana). Fone: 275-6695. De quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h. R$15.

Woyzeck ou Como Alguém se Torna o Que é.

Os paranaenses da Íntima Companhia de Teatro trazem para o Rio seu espetáculo baseado no *Woyzeck* de George Büchner, e no clássico *A Vida é Sonho*, de Calderón de la Barca. Adaptação e Direção de Edson Bueno. Com Maíra Weber e elenco. **Fundição Progresso** (Rua dos Arcos, 24). Espaço 8. Fone: 246-5155/ 9609-5703. Quarta e Quinta, 20h. R$ 15. Até fevereiro.

NÃO PERCA

O espectador gostou, assistiu e indica.

Cole Porter – Ele nunca disse que me amava

"É muito bom ver atrizes completas, que dançam e cantam muito bem. Todo ator gostaria de ter esses dons. O espetáculo está resgatando grandes talentos que não são conhecidos do grande público, mas que têm conseguido lotar o teatro todos os dias."

Dira Paes, atriz

Alarmes

"A peça é muito engraçada. Não é só uma comédia boba. É muito bom, vale a pena assistir!"

Leandra Leal, atriz

Lisbela e o prisioneiro

"Indico porque o texto é muito divertido, a direção é primorosa e o naipe de atores é maravilhoso. Eles não são muito conhecidos na mídia, mas descubra-os enquanto ainda são novidade! E, de brinde, ainda tem a música composta por Caetano Veloso."

Maria Padilha, atriz

Esplêndidos

"Eu indico *Esplêndidos* porque, além de ser um texto sério, a peça é feita por atores jovens que estão pensando o teatro, querendo dizer algo mais. São profissionais da minha geração que estão apostando numa coisa mais profunda e com grandes interpretações."

Natália Lage, atriz

Cuidado: garoto apaixonado

FOTO: DIVULGAÇÃO

Uma história de amor teen, em que a principal estrela é a lealdade.

Por Maria Lúcia Rangel

Dois amigos apaixonados pela mesma menina. Tui é estudioso, introvertido e vê no melhor amigo, Alê, tudo o que gostaria de ser. Ou quase tudo. Vive à sombra do surfista corajoso e decidido. Os dois são apaixonados pela divertida e carismática Camila, a menina mais incrível da turma. Mas porque Alê salvou sua vida, Tui renega o amor em nome da amizade e da lealdade. Simplificando, é esta a história de *Cuidado: Garoto Apaixonado*, que está no Teatro das Artes às quartas, quintas e sextas, às 19 horas. Uma peça para a galera dos 8 aos 15 anos.

Este é o segundo trabalho do escritor Toni Brandão que Eduardo Martini dirige. O primeiro, *Foi Ela que Começou*, com Luiza Thiré, foi há quatro anos. E o autor já está escrevendo um novo texto para Martini, sobre o garoto que pára de crescer porque a irmã nasceu.

"O Toni, na verdade, é um educador", diz Martini. "Os livros dele já são adotados nas escolas paulistas e começam a chegar aqui. Ele escreve diretamente para o universo teen: para, sobre e com. Em *Garoto Apaixonado*, ele lembra a amizade, a lealdade, coisas para as quais as pessoas não estão dando muita bola hoje em dia."

Eduardo não gosta de separar o público infantil do juvenil, apesar de reconhecer que este último é difícil de enganar. Ou gostam ou não gostam. Mas levou a sobrinha de três anos aos ensaios e a menina adorou. Só que esta é uma peça para a galera dos oito aos 15 anos que. segundo ele, não tem o que assistir.

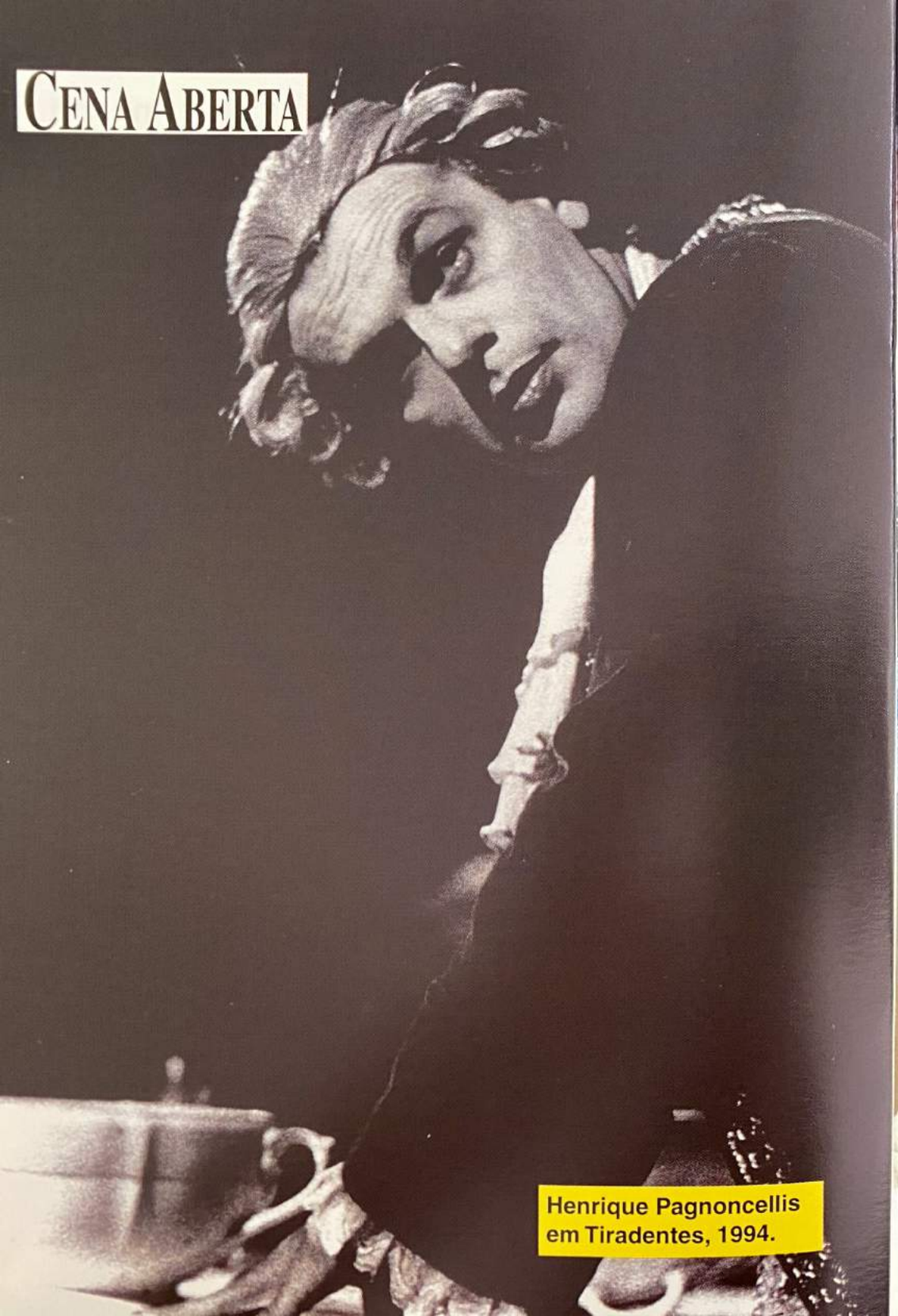
"Aprendi isso há dez anos, quando dirigi *Cinderela*, do José Wilker. Durava uma hora e vinte minutos e todos me diziam que a garotada não iria agüentar, que eu era louco. Mas não é o tempo que faz o trabalho, e sim a qualidade. Ficou em cartaz mais de um ano."

O preparo dos seis jovens atores – a peça tem também três adultos – foi direto. Começaram lendo o texto, todos trocando de papéis.

"Foi muito bacana. Não tem esta história de competição. O que vale é o trabalho. A resposta foi tão boa que em três dias a peça estava marcada. O elenco foi formado com um indicando o outro, e foi tomando uma dimensão que até os personagens menores cresceram."

Kananda Raia faz Camila, por quem Tui (Álamo Facó) e Alê (Patrick de Oliveira) se apaixonam. O elenco tem ainda Camila Caputte, Rafa Carvalho, Marcela Caputte e os adultos Ricardo Conte (como Eros), Alexandra Richter (bibliotecária) e Ademir Zanyor no papel de três professores: de geografia, canto e teatro.

Cena Aberta



Henrique Pagnoncellis em Tiradentes, 1994.

O Rio de Janeiro ganhou mais um espaço para a cultura: **CEE - Centro de Eventos Empresariais** da Bolsa do Rio. O **CEE** é o local ideal para você ficar sempre ligado nas últimas tendências da arte.

CEE da Bolsa do Rio: mantendo a cultura sempre em alta.

Bolsa de Valores do Rio de Janeiro

Praça XV de Novembro, 20
Telefone: (021) 514-1069
www.bvrj.com.br

PROJETO MULTISHOW DE INCENTIVO AO TEATRO

O canal entre o teatro e o público brasileiro.

O **Multishow**, como o canal pioneiro no incentivo ao teatro brasileiro, está selecionando peças para o **Projeto Multishow de Incentivo ao Teatro.**
O Projeto conta com a cobertura de leituras, ensaios e estréias; produção de *making ofs*; exposição na mídia nas principais capitais; apoio do lançamento no **Multishow em Revista** e divulgação no **Multishow News.**

Envie o seu projeto:
Rua Itapiru, 1209/sala 421 Rio Comprido
20251-032 Rio de Janeiro RJ
ou marketingmultishow@globosat.com.br.

www.multishow.com.br
Para assistir ao Multishow, assine
NET 0800-992211 ou SKY 0800-172728

CANAL GLOBOSAT